

O dilema brasileiro

Crise nacional é alvo da revista 'The Economist'

NELSON FRANCO JOBIM

Correspondente

LONDRES - O presidente Fernando Henrique Cardoso precisa da recuperação econômica para reconquistar a popularidade e poder concluir as reformas econômicas. A questão é se a "incipiente" recuperação brasileira será capaz de ganhar força ou se o país vai se arrastar mais alguns anos no atoleiro da crise econômica, indaga a revista *The Economist* no artigo *A recuperação instável do Brasil*, publicado na edição de ontem.

Logo depois da desvalorização do real, as previsões para a economia brasileira eram sombrias, enquanto esperava-se que o resto da América Latina saísse ileso. O Brasil cresceu nos dois últimos trimestres e a inflação anual está em um dígito, observa a revista. Muita coisa poderia estar pior. Mas muita coisa vai mal. O dólar chegou a R\$ 2 na semana

passada, o desemprego é elevado, o padrão de vida está caindo.

A popularidade do presidente desabou e Fernando Henrique está cercado pelas oposições que organizaram a marcha de protesto em Brasília, "exigindo mudanças políticas, inclusive a renegociação do acordo com o FMI", por governadores e fazendeiros, que querem abater dívidas; por juízes e parlamentares, que querem aumentos de salários; e por caminhoneiros, que querem pedágios e combustíveis mais baratos.

Impulso - Na opinião da *Economist*, o problema para Fernando Henrique é de onde virá o impulso para a recuperação brasileira. O crescimento recente é resultado da compra de produtos nacionais em vez de importados que ficaram mais caros com a desvalorização. Mas este estímulo estaria se esgotando.

As exportações brasileiras não decolaram pela queda de preço dos produtos primários e pela recessão argentina, agravada pela desvalorização brasileira. A Argentina é hoje o maior mercado para as exportações in-

dustriais brasileiras, que não têm o mesmo poder de competição em mercados mais exigentes.

Com o corte nos gastos públicos para equilibrar o orçamento, é improvável que a recuperação brasileira seja movida por investimentos. O investimento privado, inclusive estrangeiro, continua mas a um ritmo mais lento, diz a revista.

O crescimento econômico brasileiro, argumenta o artigo, só pode ser impulsionado pelo consumo interno, deprimido por causa do desemprego e da ameaça de desemprego. Embora o índice oficial de desemprego seja de 7,5%, nota a *Economist*, outros métodos estatísticos indicam que 20% dos brasileiros não têm emprego estável.

O crescimento brasileiro, conclui *The Economist*, depende da queda das taxas de juros, o que só pode ser feito de maneira sustentável se o governo equilibra as contas públicas. Para isso, depende da aprovação de mudanças estruturais pelo Congresso, que parece estar relutante ante a queda de popularidade do presidente Fernando Henrique.